

E L I S F R A N C O

Poética
(des)encantada
e outros
alumbramentos

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2020

Dálias e poesia

Quando eu morrer
não enfeitem meu caixão com flores
se caixão houver, já que tudo muda
ainda que, apavorado, o conservador resista

Não enfeitem meu caixão com flores
distribuem dálias, apenas dálias
– essa flor que me lembra o quintal de minha mãe
seu cuidado com plantinhas delicadas –
aos meus velhos ou novos amigos
aos curiosos também, eu permito

Se acaso dálias não tiverem
repartam poemas alegres, autorais ou clássicos
não poderei julgar seu valor estético
e mesmo que sejam ruins, hão de encontrar repouso
em uma alma feliz com minha partida
ou consciente de que a morte nunca foi problema para mim

Já a vida, sim

Da janela

Para Luzia Santos

A vida é o trem passando lá fora
E há dois modos de ser partícipe dela
Ou se compra o bilhete e vai-se embora
Ou se lamenta sua passagem da janela

A dor e o poema

A dor, sangrando, aniquila o verso

O poema emudece
palpita no peito o silêncio das mãos estéreis...

Em terra de redemoinhos não florescem jardins

Surpresa

Chegaste de um modo inesperado
Eu, ansiosa por dias longos
quase deixe-te ir pelo caminho

Ainda bem que retrocedi
e cedi, completamente tua
como se há mil anos te conhecesse

Agora sei que o tempo não é tudo
e cada hora pode ser eternizada
na intensidade da entrega

Afinal, o que dura é o que marca:
a fala, o riso, o toque, a graça
No mais, o sabor da experiência

Inverno 2019

Democraticamente
meter os pés pelas mãos
e saudar o retrocesso

Nós
Muitos (de) nós entrelaçados
na regência da ignorância

é que nos julgamos apaziguados
e a Besta ressurgiu entre os escombros
da hipocrisia travestida de boa moça

tão boa quanto um pai apalpando
a filha nos intervalos do sono
e celebrando o puritanismo
no almoço de domingo

tão boa quanto os efeitos colaterais
de um remédio necessário ao alívio
da dor pungente e insuportável

Nós
e o medo desta escuridão se aproximando
atando-nos em nós que só prenderão quem não se cala
e será, por isso mesmo, infinitamente livre

O tempo se esvai...

Na xícara sobre a mesa
memórias de encontros e encantos diários

Nos porta-retratos
vestígios evidentes de todas as entregas

No corpo envelhecido
marcas de cada toque, leve ou profundo

E o tempo se esvai...
O peito enternecido recolhe a ausência

A casa silenciosa
o jantar solitário, insistente lacuna

Sedenta, a alma anseia
pelo encontro que virá com a partida

Asfalto que sou

A cidade atravessa-me...

Eu, em bando, sigo

Árvores resistem aos passantes apressados

dão flores em sua invisibilidade

A cidade atravessa-me...

Esta, aquela, todas as urbes cruzam meu caminho

Ando entre homens sem pausas

respiro fadigada de viver

Atravesso a cidade que em mim mora...

Cruzo as ruas, invado o sinal

chamo e não há escuta

A cidade atravessa-me

deixando uma pontinha de dor

e medo...

Uma flor sorri-me desajeitada

Desabrocho, resistente

asfalto que sou

Contato da autora

 /elis.franco.1

 *elis.angela@hotmail.com*

@escritosdeelis

@ellisfranco



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Cambria pela
Editora Penalux e impresso em papel off-
white 80 g/m², em abril de 2020.
